

Pandemia, memória e jardim: reflexões a partir de um cemitério e um crematório paulistano

RESUMO

O presente artigo visa debater sobre como a pandemia evidenciou a importância dos espaços cemiteriais para os enlutados, ressaltando a necessidade de que sejam mais cuidadosamente planejados e desenhados. Para tanto, toma como ponto de partida as manifestações do processo de luto expressa por meio da constituição de jardins construídos sobre o local de disposição dos mortos em espaços cemiteriais, em um entrelaçamento do movimento destes jardins e do luto. Nesse sentido, tem-se como recorte empírico a cidade de São Paulo, com foco no Cemitério São Pedro e no Crematório Municipal; e, como método, apoia-se na etnografia e em entrevistas com orientação fenomenológica. Apresentam-se ponderações sobre a concepção espacial desses equipamentos e as transformações recentes pelas quais vêm passando. Entende-se, então, que é preciso considerar os aspectos sensíveis e relacionais dos enlutados no espaço cemiterial para promoção de espaços mais acolhedores, transcendendo-se soluções projetuais racionalistas e tecnocráticas.

Palavras-chave: Luto; Jardim; Cemitério; Crematório; Pandemia da covid-19.

* Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. Atualmente é professora efetiva no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), em disciplinas relacionadas às áreas de Arquitetura e Paisagismo. Membro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais - ABEC. CV: <http://lattes.cnpq.br/3009176193523045>

Pandemic, memory, and garden: Reflections from a cemetery and a crematorium in São Paulo

ABSTRACT

This article aims to discuss how the pandemic has highlighted the importance of cemeterial spaces for the bereaved, emphasizing the need for them to be more carefully planned and designed. To this end, it takes as its starting point the manifestations of the bereavement process, expressed through the creation of gardens built over sites of human remains within cemeterial spaces, where the movement of these gardens intertwines with the mourning process. In this sense, the empirical focus is on the city of São Paulo, specifically on the São Pedro Cemetery and the Municipal Crematorium. As a method, it relies on ethnography and interviews with a phenomenological orientation. Considerations are presented about the spatial design of these places and the recent transformations they have undergone. It is understood, then, that it is necessary to consider the sensitive and relational aspects of the bereaved in the cemeterial space in order to promote more supportive spaces, transcending rationalist and technocratic design solutions.

Keywords: Bereavement; Garden; Cemetery; Crematorium; covid-19 pandemic.

Pandemia, memoria y jardín: reflexiones a partir de un cementerio y un crematorio de São Paulo

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo debatir cómo la pandemia ha puesto de manifiesto la importancia de los cementerios para los dolientes, subrayando la necesidad de que se planifiquen y diseñen con mayor cuidado. Para ello, toma como punto de partida las manifestaciones del proceso de duelo expresadas a través de la creación de jardines construidos sobre el lugar de disposición de los muertos en los cementerios, en un entrelazamiento entre el movimiento de estos jardines y el duelo. En este sentido, se toma como muestra empírica la ciudad de São Paulo, centrándose en el cementerio de São Pedro y el crematorio municipal; y, como método, se basa en la etnografía y en entrevistas con orientación fenomenológica. Se presentan reflexiones sobre la concepción espacial de estas instalaciones y las recientes transformaciones por las que están pasando. Se entiende, entonces, que es necesario considerar los aspectos sensibles y relacionales de los dolientes en el espacio del cementerio para promover espacios más acogedores, trascendiendo las soluciones proyectuales racionalistas y tecnocráticas.

Palabras clave: Duelo; Jardín; Cementerio; Crematorio; Pandemia de covid-19.



No Brasil, durante a pandemia de covid-19,² diversas imagens de cemitérios foram amplamente difundidas pelos meios de comunicação, em um contexto marcado pelo número expressivo de mortes decorrentes da doença. Geralmente, eram retratadas instituições públicas e evidenciavam, muitas vezes, tanto as condições precárias desses espaços diante do volume de enterros, quanto as práticas de homenagem e despedida dos mortos, condicionadas pelas restrições impostas pelos governos municipais, estaduais e federais.

As fotografias divulgadas eram impactantes: mostravam conjuntos de sepulturas precárias, solo revirado com sucessivas covas abertas esperando os próximos mortos, sepultadores paramentados para evitar contaminações. Os enlutados eram apresentados em situações de despedidas improvisadas como, por exemplo, formando pequenos agrupamentos ao redor de urnas funerárias em tendas ao ar livre ou ao lado de covas no momento do enterro.

Nesse contexto, pôde-se observar o quanto os cemitérios públicos possuíam espaços com baixa qualificação para os seus visitantes, situação agravada pela conjuntura da pandemia. Tomando-se como referência as imagens veiculadas nos perfis dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo* no *Instagram*, entre março de 2020 e março de 2021 (Santos, 2021) – período agudo de número de mortes no Brasil –, observa-se a predominância do tipo de conformação cemiterial retratada: necrópoles públicas, sem construções tumulares, com enterros ao rés do chão e sepulturas sinalizadas por marcações simples, como cruzeiros de madeira e pequenos velários de concreto.

Esses cemitérios, diferentes das tradicionais necrópoles com jazigos em alvenaria, capelas e estatuária, são voltados sobretudo às camadas mais empobrecidas da população. Embora suas características predominantes atendam à definição de cemitério parque/jardim, conforme estabelecido pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA),³ distanciam-se significativamente dos espaços que compartilham da mesma denominação, mas que são voltados às camadas mais abastadas da população. Nesses últimos, predomina melhor manutenção, organização espacial planejada e, não raro, são privados.

De modo geral, pode-se dizer que os cemitérios – e também os crematórios⁴ – ainda são equipamentos urbanos cujos projetos são pouco discutidos pelas áreas da arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil. Isso resulta em pouco investimento público para a conformação desses espaços, que acabam por se constituir sem um desenho coeso, os quais ainda apresentam baixa acessibilidade e ambientes pouco acolhedores para os visitantes. As imagens da pandemia registraram um pequeno fragmento de como muitos cemitérios

² A pandemia da covid-19 no Brasil ocorreu entre os anos 2020 e 2023. Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS. (2023, 5 de maio). *OMS declara fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à covid-19*. Organização Pan-Americana da Saúde. <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>.

³ De acordo com o artigo 2º da Resolução n. 335 de 2003 do CONAMA, cemitério parque ou jardim é “aquele predominantemente recoberto por jardins, isento de construções tumulares, e no qual as sepulturas são identificadas por uma lápide, ao nível do chão, e de pequenas dimensões”. Brasil. CONAMA, (2003) *Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios*, Resolução n.º 335, 28 de maio.

⁴ Apesar de geralmente vinculados a necrópoles, os crematórios podem ser concebidos como espaços independentes, voltados somente à cremação e rituais concernentes. É o caso, por exemplo, do Crematório Municipal de São Paulo “Dr. Jayme Augusto Lopes”.

públicos são configurados: apesar de retratarem um cenário de crise, é possível observar o quanto poderiam ser melhor projetados enquanto equipamento indispensável às cidades. Assim, é premente que seja discutido o quanto a sua conformação espacial é relevante para a população.

Isso posto, o presente artigo propõe refletir sobre como a pandemia evidenciou a importância dos espaços cemiteriais para os enlutados, ressaltando a necessidade de que sejam mais cuidadosamente planejados e desenhados. Para tanto, concentra-se na relação dos enlutados com os jardins que ali constroem, tendo como recorte empírico a cidade de São Paulo, com foco no Cemitério São Pedro e no Crematório Municipal “Dr. Jayme Augusto Lopes”.⁵ Não se busca, contudo, uma análise específica do período pandêmico, mas, a partir de uma pesquisa cujos resultados ainda reverberam esse contexto, apresentar reflexões sobre a concepção espacial desses equipamentos e as transformações recentes pelas quais vêm passando. Assim, as discussões aqui apresentadas podem oferecer subsídios para a gestão de outros cemitérios e crematórios.

Materiais e Método

Parte dos dados apresentados no presente artigo são fruto de material gerado ao longo do trabalho de doutorado da presente autora (Santos, 2024). Nesse sentido, foram realizadas entrevistas em profundidade sob orientação fenomenológica no ano de 2023 no Cemitério São Pedro e no Crematório Municipal de São Paulo, além do trabalho etnográfico empreendido nesses locais entre 2018 e 2023. Além disso, acrescenta-se para o debate deste artigo material advindo de incursões etnográficas realizadas entre 2024 e 2025 no cemitério e crematório supracitados. Estas foram realizadas no âmbito de trabalhos de iniciação científica de graduação orientados pela autora,⁶ além de atividades desenvolvidas por grupo de pesquisa que esta faz parte.⁷

A etnografia, *modus operandi* caro à antropologia, contribuiu para uma leitura aprofundada do campo de maneira geral. Considerado um “modo de acercamento e apreensão” (Magnani, 2002, p. 17), conta com o planejamento e estabelecimento de idas frequentes ao local de pesquisa, contato com os atores sociais e identificação de suas dinâmicas. Nesse sentido, a observação participante é uma ferramenta fundamental, pois permite “entrar em contato com o universo dos pesquisados e compartilhar seu horizonte” para “comparar as teorias do pesquisador com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao

⁵ Dado que a cidade de São Paulo, até então – março de 2025 – possui apenas um crematório, a presente instituição será chamada apenas de Crematório Municipal de São Paulo.

⁶ Pesquisas: “O cemitério como espaço de apropriações diversas: o caso do Cemitério São Pedro em São Paulo, SP”, desenvolvida por Vitor Augusto de Moraes Murro e “Quando o espaço cemiterial vira parque: usos do lazer no Crematório Municipal de São Paulo”, desenvolvida por Livia Correia Manteca. Ambas foram desenvolvidas no ano de 2024, sendo os estudantes graduandos do curso de arquitetura e urbanismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus São Paulo.

⁷ Grupo de pesquisa NAU Estudos Cemiteriais, que integra o Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (LabNAU). Incursões cemiteriais compõem dados de discussão do grupo, o qual desenvolve a pesquisa “Cemitério (também) é cidade”, em andamento ainda no ano de 2025.

menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente" (Magnani, 2012, p. 135). Além disso, acata-se a proposta de "descrição densa" do antropólogo Clifford Geertz (2008), na qual o pesquisador realiza uma interpretação a partir do que vê em campo, indo além da observação e descrição. Esse exercício, compõe material a ser articulado com o campo teórico pois, como indica Mariza Peirano (2008, p. 3), a etnografia é a "própria teoria vivida".

Assim, os dados foram obtidos por uma organização de regularidade ao campo, que constituiu o que Magnani et al. (2023) denominam de "prática etnográfica". Acrescenta-se ainda que, para as idas a campo, de modo a auxiliar o foco e orientar a pesquisadora em questão, foi utilizada a grade composta por "cenário", "atores" e "regras" (Magnani et al., 2023, p. 67). De maneira geral, pode-se dizer que o cenário consiste nos aspectos físicos do campo, sendo palco e resultado das interações dos atores, que ocupam o espaço de diversos modos. Tais atores estabelecem – ou não – relações entre si e possuem dinâmicas próprias. Nesse sentido, identificam-se as regras que, podendo ser implícitas ou explícitas, são compostas pelos significados atribuídos às práticas dos atores, como acontecem, suas regularidades, conflitos (Magnani et al., 2023). Por fim, aponta-se o desafio da organização do trabalho de campo durante o período da pandemia da covid-19, o que demandou uma frequência esporádica nos períodos mais críticos dessa conjuntura.

Já as entrevistas, puderam fornecer uma melhor compreensão da subjetividade das relações entre enlutado e falecido manifestadas no espaço cemiterial. Apesar de ocorridas após o final da pandemia, mostraram reverberações daquela conjuntura a partir dos relatos de diversos enlutados que revelaram o quanto tal situação impactou a sua relação com a despedida dos seus entes queridos e o quanto o espaço cemiterial se mostrava relevante para a lida com suas perdas. Foram realizadas nos próprios cemitério e crematório estudados, com enlutados que os frequentavam, e consistiram em conversas guiadas por tópicos, na busca de se observar como o fenômeno se expressa em campo. Nesse sentido, tem-se a orientação fenomenológica (Bicudo, 2011), tanto na postura da interlocução (Barreira & Ranieri, 2013) como na análise posterior do material (Bicudo et al., 2017). A partir da transcrição das entrevistas estabeleceram-se unidades de sentido e de significado que foram conjugadas em ideias nucleares de reflexão.

O jardim como mediador entre enlutado e falecido

Os referidos cemitério e crematório foram escolhidos para pesquisa devido sua conformação espacial, que é predominantemente vegetada. Nesse âmbito, observou-se o fenômeno do jardim enquanto mediador da relação entre enlutado e falecido, entendendo-se que o vínculo entre ambos não se extingue com a morte, mas se transforma, o que pesquisadores da área da psicologia definiram como vínculo contínuo (Klass et al., 1996). Frisa-se, ainda, que o luto não consiste em um momento a ser superado na vida da pessoa; como aponta Colin Parkes (1998) ele pode ser considerado um processo, nem sempre linear e que, segundo Margaret Stroebe e Henk Schut (1999), é oscilatório, de modo que o enlutado alterna



entre a orientação para a perda e para a restauração, ora enfrentando a perda e faceando a dor, ora voltando-se para novos projetos e restauração da vida.

Ademais, o luto não é apenas um fenômeno subjetivo, e manifesta-se também temporal e espacialmente, em que se pode observar desde performances corporais, inscrições na paisagem até a escrita de um texto, por exemplo (Maddrell & Sidaway, 2010). A esfera de sua expressão alterna entre o privado e o público. Nesse sentido, o espaço cemiterial, que tem potencial de acolher boa parte dos rituais fúnebres, pode se constituir como local para diferentes formas de demonstração do luto, tanto na dimensão íntima, como na socialmente partilhada.

Pode-se dizer que é diferente estar em um local ajardinado, podendo apenas fruí-lo e, por outro lado, poder participar da construção daquela paisagem construindo um jardim. Assim, estudaram-se os jardins tumulares do cemitério e jardins cinerários do crematório quando construídos e mantidos pelos enlutados. Em ambos os locais, nota-se a proximidade do enlutado com o local da materialidade do corpo do falecido, que estabelece uma relação de afeto com o lugar a partir da construção de seu jardim. A oportunidade de se construir um jardim em um espaço cemiterial justamente sobre o local que marca a última materialidade do morto é suscetível de ser muito significativa. Ali, se comunica com a figura de vínculo, enceta diálogos por meio da vegetação ou mesmo pela disposição de objetos. O transformar do jardim, sua espontaneidade e surpresas proporcionadas pela própria natureza, se mesclam com o movimento promovido pelo luto.

Desse modo, o que se notou, a partir de observações, conversas e entrevistas é que estes tipos de jardins nos espaços cemiteriais têm um papel relevante no processo de luto, dos quais se extraíram três ideias nucleares principais: “ética do cuidado”, “presentificação”, “construção e reconstrução” (Santos, 2024, p. 459).

A ética do cuidado mostrava-se enquanto o jardim necessita de cuidados para que se mantenha como tal, sendo que este cuidado se mesclava com o cuidado ao próprio morto; traduzia-se no carinho expressado no lugar e no seu não abandono, na ambiência buscada e sentida no espaço cemiterial, na solidariedade entre enlutados na partilha do zelo com o lugar dos seus mortos, além de relacionar-se a rituais fúnebres ou então compensar a sua impossibilidade, sobretudo no caso dos falecidos no contexto da pandemia. A presentificação mostrava-se enquanto presença do morto no jardim, que aproximava aquele lugar de uma casa onde o falecido poderia continuar sendo local para comunicação, celebração de datas comemorativas e oferta de presentes. Essas ideias, convergiam para um sentido de construção e reconstrução dos jardins, os quais estavam sob constante transformação a partir dos enlutados ou mesmo pela espontaneidade dos elementos naturais; eram, portanto, lugares que mudavam constantemente “assim como se transformavam os sentimentos e o mundo presumido dos enlutados no processo do luto” (Santos, 2024, p. 460).

Ao se observar enlutados que perderam seus entes queridos devido a pandemia da covid-19, esses sentidos muitas vezes ficavam mais latentes. O cuidado ao túmulo pode se revelar como um cuidado que não pôde ser dado para a pessoa antes de sua morte. A construção de um jardim cinerário tem o potencial de, de certa forma, preencher uma ausência provocada por uma perda seguida de uma falta de rituais consolidados culturalmente, já que no início

da pandemia, quando se optava pela cremação, não havia a oportunidade de cerimônia de despedidas, a qual faz o papel do enterro.

Entende-se que a reflexão a partir dessas ideias pode ser relevante para a concepção projetual de cemitérios, sobretudo para os espaços tumulares, pois mostra como se expressam as interações nestes lugares. A partir dos jardins estudados é possível que se analise como o local de disposição dos mortos é significativo para o enlutado, tornando-se um lugar de importância para ser pensado dentro do projeto cemiterial. Certamente, esta não é a única maneira de o enlutado se apropriar dos espaços cemiteriais, mas indica um caminho possível de os pensar.

Vê-se que, após a pandemia, as gestões desses locais – que passaram a ser privadas – não apresentam muitas vezes uma análise crítica, empreendendo reformas que nem sempre se relacionam com a sensibilidade necessária para os espaços cemiteriais. Notou-se que as intervenções são divulgadas de modo a mostrar espaços melhor organizados, próximo dos apresentados por instituições privadas existentes, porém, não mostram soluções que dialogam com uma possibilidade de apreensão e apropriação sensível pelas pessoas enlutadas. Ou seja, assemelham-se mais a estratégias que visam construir um bom *marketing* para que possam realizar a venda de seus serviços (Figura 1).

Figura 1. Placa instalada na entrada do Cemitério São Pedro, mostrando imagem de como ficará futuramente após reforma de sua fachada



Fonte: autora, 2025

Além disso, existem outros aspectos a serem considerados, como a complexidade inerente aos espaços cemiteriais. Isso porque são locais que transcendem a função prático-objetiva sanitária, relacionando-se a memória, rituais, religiosidades. Acrescenta-se ainda outros aspectos menos evidentes, como sua contribuição ao meio ambiente – a depender de sua conformação –, além de ser campo para atividades educativas (Almeida, 2016; Grassi,

2018), turísticas (Figueiredo, 2015; Osman & Ribeiro, 2007) ou mesmo ligadas ao lazer (Rezende, 2000; Fuchs, 2019; Santos, 2024).

Entende-se, assim, que os espaços cemiteriais enquanto equipamentos pertencentes à municipalidade, independentemente de seu modelo de gestão, devem servir à toda população e dialogar com a cidade de modo a se articular com o sistema de espaços livres urbanos, o que colabora para cidades mais inclusivas e humanas (Santos & Gallo, 2025).

Contextualização do campo: Cemitério São Pedro, Crematório Municipal e o concessão para a iniciativa privada

O Crematório Municipal e o Cemitério São Pedro, campo dos dados do presente artigo, localizam-se na zona Leste da cidade de São Paulo, Brasil. Situam-se em terrenos vizinhos, sendo inaugurados na década de 1970, dentro de um movimento de expansão dos cemitérios pela cidade pelo poder público. Foram instituições geridas pelo Serviço Funerário Municipal de São Paulo (SF MSP) até 2023, quando então ocorreu o concessão dos espaços cemiteriais públicos paulistanos para quatro empresas privadas por um período de 25 anos.

Pode-se dizer que o argumento de que os cemitérios privados possuem melhor gestão administrativa e infraestrutura do que os públicos, foi utilizado durante o processo para concessão do crematório e 22 cemitérios públicos da cidade, com posterior extinção do SF MSP. Tal processo, que se iniciou em 2017, se desenrolou envolto em polêmicas, com suspensão e retificação de editais (Fuchs, 2019; Santos, 2024). Foi uma decisão que fazia parte de um projeto para desestatização e concessão de diversos equipamentos públicos paulistanos, que também geraram controvérsia, como, por exemplo, o caso de alguns parques urbanos (Hori, 2024).

Cabe ressaltar que o edital publicado pela Prefeitura Municipal de São Paulo instituiu que as empresas vencedoras deveriam executar uma série de reformas com vistas a melhorar a infraestrutura dos espaços cemiteriais pelos quais fossem responsáveis. Entretanto, não havia especificações claras para direcionamento desses serviços, deixando-as livres para a tomada de decisões de reconfiguração e reforma das necrópoles e crematório.

No que se refere ao SF MSP, consistia em autarquia que detinha o monopólio de todos os serviços funerários paulistanos desde 1976, além de gerir os cemitérios públicos. Esta era uma medida que se justificava para oferecer um serviço essencial para a população sem objetivar lucro, o que possibilitava praticar preços mais acessíveis.⁸ Desconsiderando esse ideal, a prefeitura municipal decretou a extinção do órgão para o ano de 2024, deixando a fiscalização da prestação de serviço das novas empresas administradoras das necrópoles públicas paulistanas a cargo da Agência Reguladora de Serviços Públicos do Município de São Paulo (SPRegula).⁹ Como resultado disso, viu-se diversos problemas, que foram noticiados em veículos de

⁸ Serviço Funerário do Município de São Paulo - SF MSP (1977). *100 Anos de Serviço Funerário*. São Paulo.

⁹ Para além dos cemitérios e crematório, a SPRegula gere diversos outros tipos de serviço na cidade como saneamento e iluminação. Informação no site da Prefeitura Municipal de São Paulo, disponível em: https://prefeitura.sp.gov.br/web/spregula/acesso_a_informacao/perguntas_frequentes

comunicação como: subida de preços dos funerais mais simples, falta de informações sobre gratuidades previstas em lei e falta de manutenção das áreas de diversos cemitérios.¹⁰

Nessa conjuntura, ocorre, então, a publicação de dois decretos para adiamento da extinção do SFMSP e a divulgação da existência de um “Novo Serviço Funerário”.¹¹ Pode-se supor que essa medida visou diminuir a impopularidade das consequências do concessionamento. Essa sequência de acontecimentos revela que a cessão da gestão das necrópoles para entidades privadas está longe de ser uma solução para a melhora dos seus espaços. O que se faz necessário é o investimento para que todas as pessoas, independentemente de seu poder aquisitivo, possam ter à disposição espaços cemiteriais dignos, sem que estejam à mercê de empresas, as quais funcionam pela lógica do lucro.

Nos estudos de caso apresentados, serão mostradas algumas transformações – ainda em curso – dos espaços cemiteriais estudados, devido a reformas empreendidas pelas suas novas administrações. Estas, serão costuradas com o trabalho etnográfico pregresso a elas, bem como entrevistas anteriores realizadas com enlutados.

Cemitério São Pedro

Inaugurado em 1971, o Cemitério São Pedro possui 219.780 m² e, apesar de não possuir um projeto paisagístico visivelmente consistente, tem uma organização predominante que pode ser considerada cemitério parque/jardim (Figura 2). Isso porque, apesar de possuir uma variedade de tipos de túmulos, predominam aqueles que não possuem construção acima do nível do solo, com identificações simples por placas.

¹⁰ Declercq, M. (2023, 5 de junho). Cemitério da Saudade, em SP, tem ossadas expostas e covas reviradas. *TAB UOL*. <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/06/05/cemiterio-na-zona-leste-de-sao-paulo-tem-ossadas-expostas-e-covas-reviradas.htm>; Kruse, T. (2023, 22 de março). Preços de serviços funerários em SP sobem mais de 400% para quem não tem direito à gratuidade. *Folha de S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/precos-de-servicos-funerarios-em-sp-sobem-mais-de-400-apos-concessao.shtml>

¹¹ Prefeitura de São Paulo [@prefsp]. (25 de março de 2025). *A Prefeitura da cidade de São Paulo traz um novo serviço funerário com alternativas que antes não existiam. A infraestrutura* [vídeo]. Instagram. <https://www.instagram.com/reel/DHo2VTtPJf/>

Figura 2. Foto aérea do Cemitério São Pedro com indicação de suas área e arredores até o ano de 2025



Legenda

Área interna do cemitério (contorno amarelo):

1. Acessos Principais; 2. Edifícios administrativos e velórios; 3. Floricultura e lanchonete; 4. Estacionamento; 5. Jazigos verticais (columbário ecológico); 6. Mausoléu da FEB; 7. Cruzeiro; 8. Memorial das 13 almas; 9. Área de quadra geral em cova rasa; 10. Área de jazigos antigos (com construções acima do solo); 11. Área de novos jazigos (coletivos e familiares) com cobertura ajardinada; 12. Ossários individuais; 13. Ossário geral; 14. Novas estrutura verticalizadas para sepultamento 15. Portão de acesso de pedestres ao Crematório

Área externa ao cemitério:

A. Hospital Estadual Vila Alpina; B. Ocupação irregular do terreno com habitações autoconstruídas; C. CDC Parque Ecológico Vila Prudente; D. Crematório Municipal de São Paulo; E. Parque Ecológico Profa. Lydlia Natallzio Diogo; F. Heliporto; G. Praça Alcides Franco de Lima e Skate Park; H. Mercado de Flores de Vila Alpina.

Fonte: Google Earth Pro com intervenções da autora a partir de Santos, 2024

Até 2020 os sepultamentos nesse cemitério se dividiam entre dois principais: quadra geral e jazigos. As quadras gerais possuem enterramento diretamente no solo e uso por tempo limitado a 3 anos¹² – após esse período é realizada a exumação e os restos mortais podem ser destinados a ossários, por exemplo. Esse tipo de túmulo era o que possuía preços mais baratos para inumação e também podiam ser concedidos gratuitamente sob condições estabelecidas pelo poder público paulistano.¹³

¹² Há exceções: se no momento da exumação o corpo ainda não estiver decomposto o suficiente, ele é reinumado e permanece por mais 3 anos no local; já para enterramento de crianças, o prazo é mais curto para a exumação, sendo 2 anos.

¹³ O decreto municipal nº 59.196 de 29 de janeiro de 2020, especifica a concessão de gratuidade de sepultamento em túmulos em cemitérios públicos por 3 anos ou cremação, para alguns cidadãos, como por exemplo: famílias com baixa renda comprovada e doadores de órgãos. Após o concessão dos cemitérios públicos paulistanos à iniciativa privada, àqueles que possuem gratuidade de sepultamento por baixa renda podem apenas escolher entre os Cemitérios Dom Bosco, Vila Formosa, São Luiz e Saudade, além do crematório de Vila Alpina. Assim sendo, o Cemitério São Pedro não consta mais nessa lista. Gratuidade (2025, 8 de abril). Prefeitura Municipal de São Paulo – SPRegula – GSFC – Gerência de Serviços Funerários e Cemiteriais. <https://prefeitura.sp.gov.br/web/spregula/w/gratuidade>

As sepulturas em quadra geral são recobertas por solo e podem ser gramadas ou então jardinadas, de acordo com o desejo e/ou possibilidade dos familiares responsáveis pela área (Figura 3). Assim, é permitida a construção de jardins que podem ser executados tanto pelo próprio enlutado como por profissional autônomo contratado. Neles, é possível que as pessoas se manifestem livremente em relação aos seus entes queridos e, nesse sentido, são observadas formas criativas de se relacionar com os mortos.

Figura 3. Vista de uma quadra geral do Cemitério São Pedro



Fonte: autora, 2023

Já os jazigos, possuem uma estrutura tanto subterrânea, para acolhimento das urnas funerárias, quanto superficial, com alvenaria que pode ter acabamento por pintura ou então revestimento em pedras (Figura 4). Além disso, podiam ser alvo de concessão pelos cidadãos por décadas, tornando-se túmulos familiares.

Figura 4. Vista de uma área de jazigos no Cemitério São Pedro



Fonte: autora, 2023

Em abril de 2020, logo no início da pandemia da covid-19, foi realizada a construção de estruturas modulares para sepultamento vertical no Cemitério São Pedro. Chamado de “cemitério vertical” esse conjunto foi implantado e inaugurado às pressas pela Prefeitura Municipal de São Paulo com a justificativa das mortes decorrentes da covid-19, de modo a ampliar a disponibilidade de locais para sepultamento.

Consistem em três blocos verticalizados pré-fabricados, constituídos por 6 conjuntos de gavetas – lóculos – sobrepostas, totalizando aproximadamente 1000 unidades (Figura 5). Entretanto, não houve estudos para previsão da quantia adequada de gavetas a serem construídas, nem mesmo ocorreu processo licitatório para tal. Devido a esta construção ser modular e constituída por materiais ditos sustentáveis, foi propagandeado como uma solução ecológica para a disposição dos mortos (Santos, 2024).

Assim, essa obra realizada de forma apressada e sem estudos resultou em estruturas instaladas em um local improvisado, em uma seção do estacionamento do cemitério, além de não ter sido utilizada em todo seu potencial durante a pandemia nem depois deste período. Após o concessão, essas estruturas foram mantidas e nomeadas de “columbário ecológico” (Figura 6).

Figura 5. Vista geral dos blocos do “Cemitério vertical” no Cemitério São Pedro pouco tempo após sua inauguração, em 2020



Fonte: Santos, 2024

Figura 6. Placa com a nova nomenclatura do Cemitério vertical em 2023



Fonte: Santos, 2024

Esta organização verticalizada deixa pouca oportunidade para o enlutado se expressar no espaço tumular. Há apenas um pequeno suporte para disposição de objetos – como flores –, o que faz com que as pessoas desenvolvam métodos improvisados e criativos de se expressar na área tumular (Figuras 7 e 8). Agrava-se ainda a condição daqueles cujos entes queridos estão sepultados nos lóculos mais altos, pois estes estão fora do alcance das mãos.

Figura 7. Disposição de objetos nas tampas gavetas do Cemitério vertical no Cemitério São Pedro: observa-se um desejo de personalização do local



Fonte: autora, 2023

Figura 8. Disposição de objetos nas tampas gavetas do Cemitério vertical no Cemitério São Pedro: a estatueta que não coube no suporte foi colada de maneira improvisada



Fonte: autora, 2022

Durante o Dia de Finados de 2020, em plena pandemia e após apenas alguns meses da inauguração das estruturas, observou-se que a administração do cemitério disponibilizou uma escada improvisada para acesso aos lóculos. Viu-se assim que, mesmo com falta de segurança, os visitantes colaboravam entre si para deslocá-la, subir e poder alcançar o tampo da sepultura de seus entes queridos para tocá-lo, fazer preces e dispor objetos (Figuras 9 e 10). Isso mostra o quanto é culturalmente relevante o contato com local do corpo do ente querido para o enlutado e como seria importante que fosse previsto esse acesso.

Figura 9. Escada improvisada no “Cemitério Vertical” para inumação em finados de 2020



Fonte: autora, 2020

Apesar disso, as reformas em curso realizadas pela empresa gestora atual do cemitério São Pedro vêm apontando um caminho que demonstra uma não observação aos usos descritos do espaço cemiterial. Ao longo de 2024, começaram a ser construídas estruturas subterrâneas para a substituição progressiva dos túmulos da quadra geral que, apesar de em um primeiro momento, parecerem um incremento na qualidade das sepulturas, não levam em conta a relação das pessoas com o lugar dos seus mortos.

Isso porque, apesar de alguns desses túmulos serem oferecidos como jazigos familiares, outros consistem em jazigos coletivos que são voltados à inumação de pessoas que não possuem relação entre si. Assim, nesse último caso, uma área de 1 x 2,20 m que antes era ocupada por um único corpo, agora acolhe vários, diminuindo o espaço de manifestação dos enlutados que têm que dividir aquele pequeno espaço para homenagear seus mortos. Em trabalho de campo, chegou-se a se contar pelo menos placas de 3 falecidos em um único túmulo (Figura 11). Essa ação mostra então como uma proposta que aparentemente pretende dar melhor qualidade para a sepultura, revela um ato de racionalização espacial, desejo de maior lucro e desconsideração de manifestações usuais do local.

Ressalta-se que essa estratégia não é exclusiva da empresa gestora do Cemitério São Pedro: em visita ao Cemitério Vila Formosa, maior da América Latina e gerido por outra empresa, também está ocorrendo a construção deste tipo de jazigo coletivo, mostrando uma tendência nos espaços cemiteriais públicos concessionados (Figura 10).

Figura 10. Catavento colocado no topo da estrutura do Cemitério Vertical, mostrando o desejo de disposição de objetos próximo ao corpo do ente querido falecido



Fonte: autora, 2020

Figura 11. Área com jazigos coletivos no Cemitério São Pedro



Fonte: autora, 2025

Figura 12. Área com jazigos coletivos no cemitério Vila Formosa (na área correspondente a um jazigo, pode-se notar mais de uma placa, de diferentes falecidos que não possuem relação entre si)

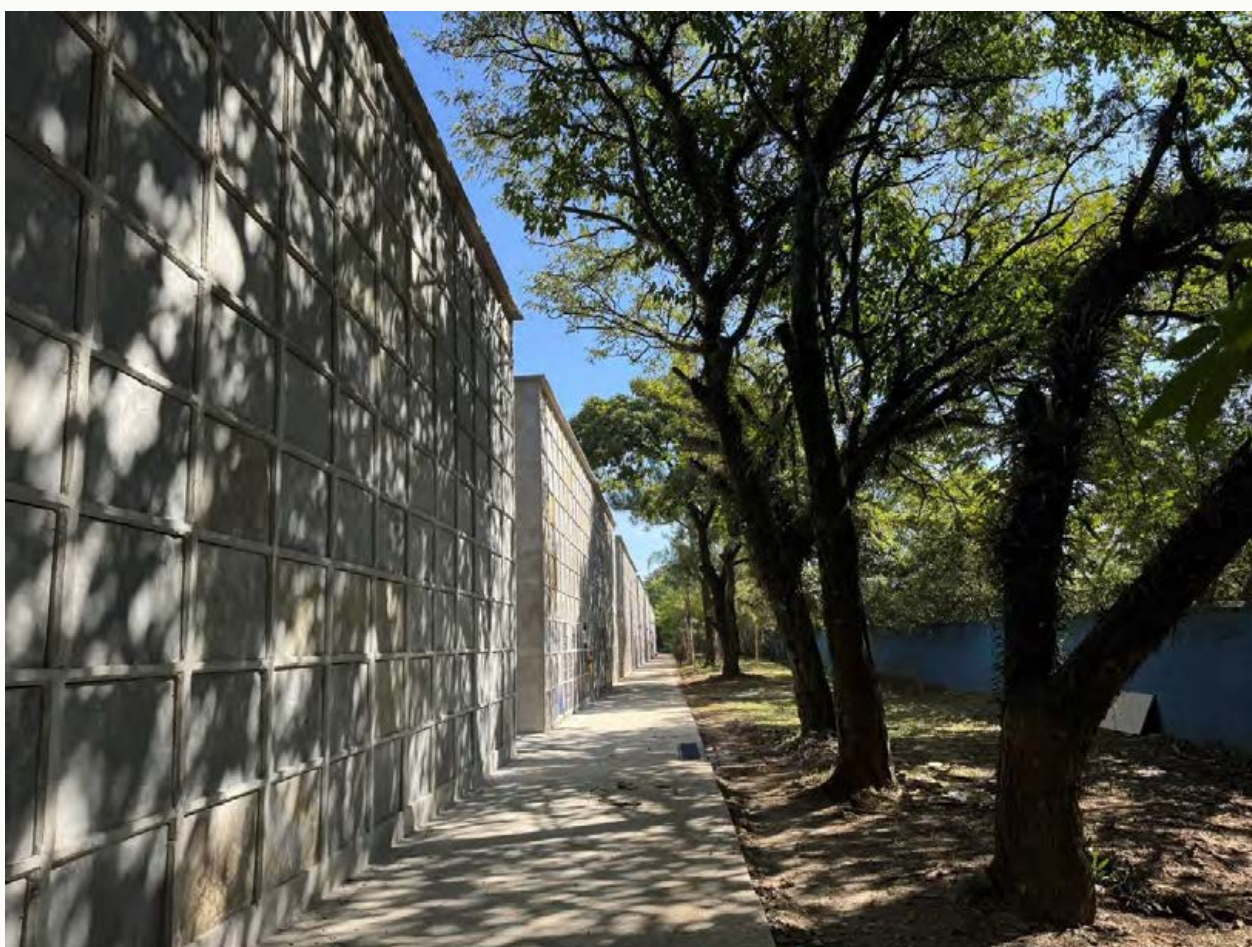


Fonte: autora, 2025

Outra reforma que pode ser problematizada é a construção de estruturas de concreto para sepultamento vertical, além dos módulos já existentes. De acordo com observações de campo e relato de trabalhadores do local, começaram a ser construídos em final de 2024 e foram finalizados no começo de 2025. Consistem em 9 estruturas de tamanho significativo, altas, com 10 lóculos sobrepostos verticalmente e variando na extensão horizontal (Figura 13). São edificações que permitem a inumação em ambos os lados e, a partir de observação, contabilizou-se um total de 4.660 jazigos. Estes, já estão parcialmente em uso e não permitem

a disposição de nenhum objeto em suas tampas. Em alguns casos, observou-se que foram escritos nomes ou somente números de identificação com *spray* diretamente no fechamento de concreto, revelando possivelmente falta de condições para a aquisição de placas de identificação (Figura 14). Além disso, encontrou-se homenagens colocadas logo ao lado da estrutura mostrando o desejo de poder dispor flores ou outras homenagens no local em que está o falecido (Figura 15). Assim, não permite a manifestação dos enlutados como era possível nos jardins tumulares em que, mesmo com poucas condições financeiras, podiam trazer mudas de plantas e objetos para construir um jardim para o seu morto e ter um espaço de relação com este. Ao longo de 2025 começaram a ser construídos ainda mais módulos ao lado desta área.

Figura 13. Vista de parte das novas estruturas de jazigos verticalizados



Fonte: autora, 2025

Figura 14. Identificação de lóculos com sepultamento realizado



Fonte: autora, 2025

Figura 15. Manifestação de enlutado em homenagem a falecido em local próximo à estrutura de jazigos verticais (indicado pela seta em amarelo, à direita)



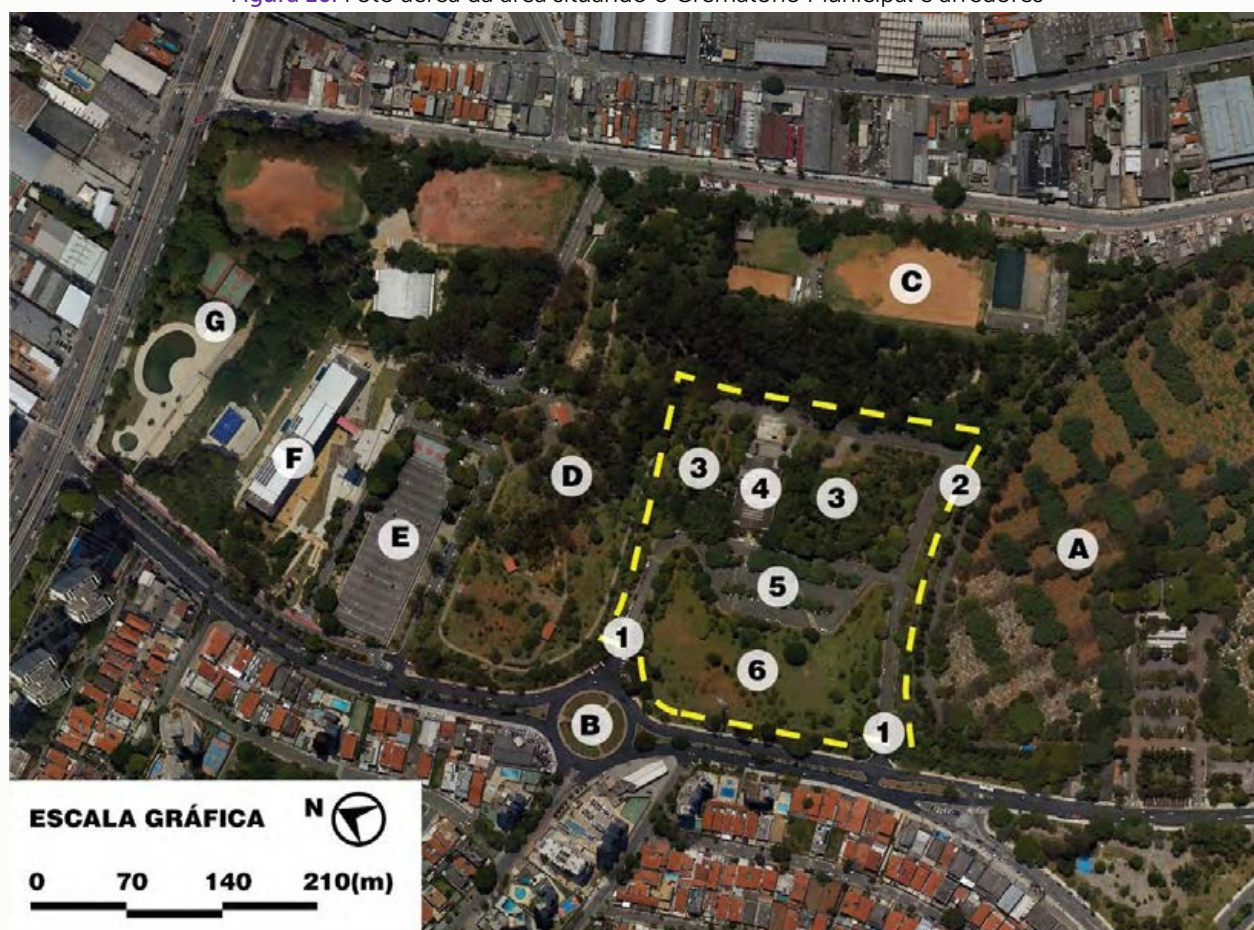
Fonte: autora, 2025

Ademais, a estrutura, da maneira que foi colocada, não considerou a circulação existente no cemitério, acessibilidade ou mesmo o diálogo com os espaços livres, transformando-se em um grande muro na paisagem, bloqueando parte da visão do horizonte.

Crematório Municipal de São Paulo

Quanto ao crematório, foi inaugurado em 1974, sendo o primeiro do Brasil e o único da cidade de São Paulo até o ano da escrita deste artigo – 2025. Considera-se “crematório” a área que engloba o edifício onde ocorrem cerimônias de despedidas, serviço de cremação e atividades administrativas, somado aos espaços livres lindeiros a este, que se dividem basicamente entre área de estacionamento, bosques e gramado (Figura 16). Tais espaços livres já foram mais extensos, isso porque parte desta área foi destinada para a constituição do Parque Ecológico Profa. Lígia Natalizio Diogo (Santos, 2015).

Figura 16. Foto aérea da área situando o Crematório Municipal e arredores



Legenda

Área interna do cemitério (contorno amarelo):

1. Acessos principais; 2. Acesso de pedestres ao cemitério; 3. Bosque; 4. Edifício do crematório; 5. Estacionamento; 6. Gramado.

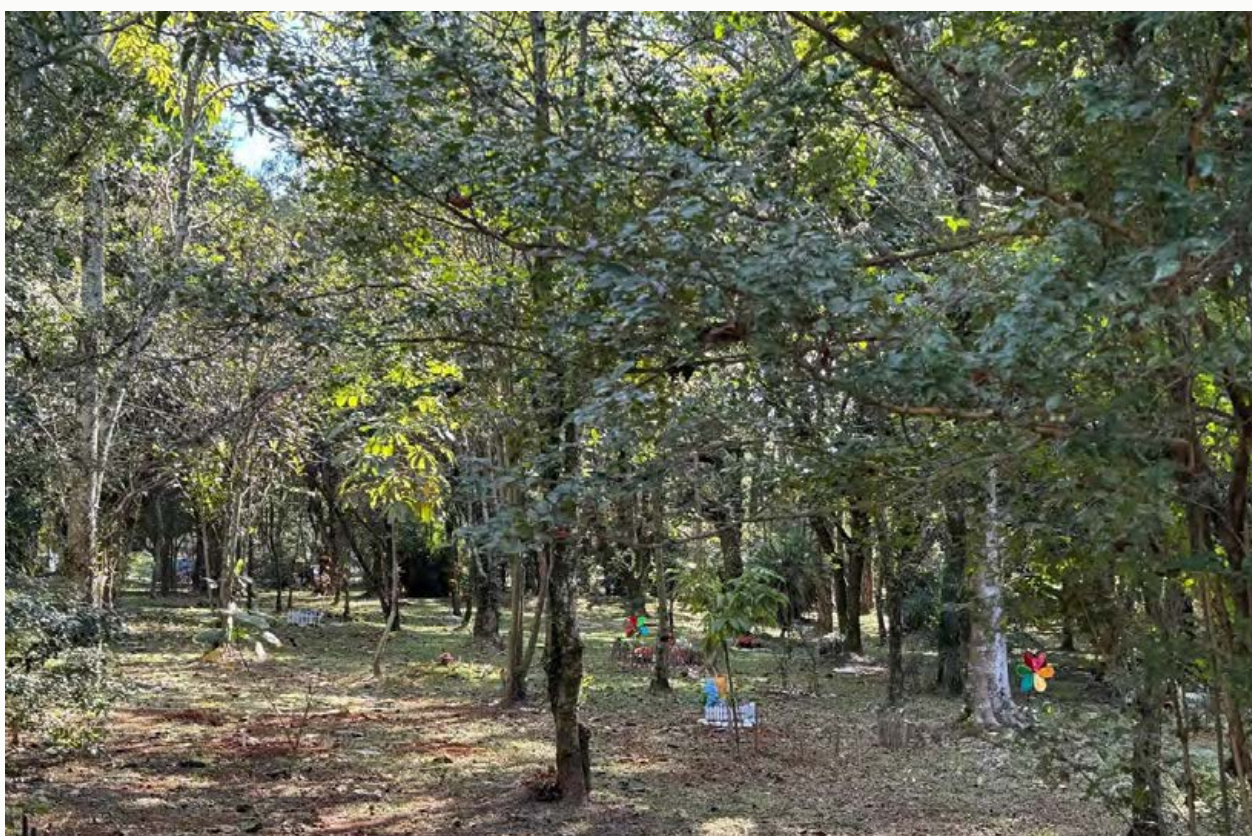
Área externa ao cemitério:

- A. Cemitério São Pedro; B. Rotatória; C. CDC Parque Ecológico Vila Prudente; D. Parque Ecológico Profa. Lydia Natalizio Diogo; E. SENAI Humberto Reis Costa; F. CEU CEU Vila Alpina – Profª Virgínia Leone Bicudo; G. CEE Arthur Friedenreich

Fonte: Santos, 2024

O enlutado pode levar consigo as cinzas do seu familiar ou então esparzi-la nos espaços livres existentes. Assim, a partir dessa possibilidade de esparzimento, algumas pessoas espontaneamente delimitam lugares e constroem jardins para acondicionamento das cinzas dos seus entes queridos, sobretudo nas áreas de bosque (Figura 17). Estes jardins não são oficiais e, a rigor, são de construção proibida, dado que se situam em um espaço de uso coletivo e não individualizado. Entretanto, tal apropriação mostra um desejo de estabelecimento de lugar para retorno e homenagem aos mortos, tornando-se local de interesse para observação da relação entre enlutado-falecido. A partir de estudo realizado entre os anos de 2012 e 2015, esses jardins construídos de maneira insurgente foram nomeados de “jardins de memória” (Santos, 2015), sendo assim também utilizada tal denominação no presente trabalho.

Figura 17. Vista geral do bosque do Crematório Municipal onde podem ser observados jardins de memória por entre as árvores



Fonte: autora, 2024

Assim, no crematório as próprias pessoas que escolhem locais para disposição das cinzas dentre as quais algumas decidem, espontaneamente, construir jardins para abrigá-la. Nesse sentido, criam-se locais que podem ser cuidados, em que se homenageia os entes queridos e movimenta-se a memória. Memória esta entendida não como um passado congelado, mas da qual o presente também faz parte (Bosi, 2013).

Apesar de não ser uma prática institucionalizada, a construção dos jardins de memória é tão consolidada que foi de certa forma apropriada pela empresa gestora do crematório: como observou que diversos enlutados sentiam necessidade de um local definido para disposição

das cinzas no crematório, passaram a oferecer esse tipo de serviço. Desse modo, em 2024, começaram a surgir pequenas estruturas pelo bosque do crematório para acolher as cinzas, permitindo identificação com nomes. Essa estrutura, no entanto, é paga. Frente aos jardins construídos espontaneamente pelos enlutados, permitem pouca interação com o lugar e a disposição de sua instalação não parece seguir um projeto claro ou dialogar com os espaços livres circundantes (Figura 18). Porém, a despeito dessas limitações, mostra que é possível pensar na conformação dos espaços cemiteriais a partir das necessidades e usos do local onde está inserido.

Figura 18. Novas estruturas cinerárias no Crematório Municipal de São Paulo



Fonte: autora, 2024

Reflexões: por entre túmulos, memória e jardim

A pandemia da covid-19 mostrou que, mesmo em uma situação crítica, de limitação de circulação e interação entre pessoas, a relação com o espaço cemiterial continuava importante. A despeito dessa conjuntura, as pessoas demonstravam o desejo de ir até os

cemitérios, se despedir dos seus mortos, homenageá-los e sinalizar o local onde eram enterrados, por exemplo.

Nos casos de falecimento decorrente da covid-19, muitas vezes foi negada às pessoas a possibilidade de prestar cuidados aos entes queridos durante o período que estavam hospitalizados ou mesmo despedir-se antes de morrerem. Mais de um enlutado relatou o choque da internação de uma pessoa próxima que, apesar de adoecida, se mostrava lúcida e bem e, dias depois, receber a notícia de sua morte. As exigências dos órgãos públicos impedindo que se pudesse realizar velórios ou então a visão e toque do corpo do morto,¹⁴ agravaram a dor dessa perda. Sabe-se que o olhar, aproximar ou mesmo tocar o morto, pode auxiliar na concretização da perda impactando no processo do luto (Franco, 2021).

O jardim tumular ou de memória no espaço cemiterial pode, então, cumprir esse papel posteriormente, servindo de local de conexão entre enlutado-falecido, cuja despedida muitas vezes foi suprimida ou abreviada. Assim, é crucial que se reflita sobre a concepção projetual desses espaços para além da racionalização espacial ou apenas o cumprimento de normas sanitárias.

Uma enlutada abordada, por exemplo, mostrou o quanto de cuidado dispensava ao túmulo de sua mãe, expressando um carinho que não foi possível lhe dar nos últimos momentos de vida, o qual esteve incomunicável com a família, devido à internação pela covid-19. O ir ao jardim, cultivá-lo com flores que a mãe gostava, trazer objetos para presenteá-la, era como se estivesse oferecendo-lhe um cuidado mesmo após a morte (Figura 19).

¹⁴ Logo no início da pandemia, o Ministério da Saúde e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Brasil emitiram documentação informando que os falecidos pela covid-19 não passariam por necrópsia e os corpos deveriam ser acondicionados em sacos impermeáveis dentro das urnas funerárias (Vicente da Silva, 2020). Quanto aos velórios, no caso de São Paulo, a Prefeitura Municipal implementou um plano de contingência a partir de abril de 2020, proibindo-os. Eram permitidas apenas despedidas de aproximadamente 10 minutos, com a urna funerária situada em estruturas instaladas ao ar livre, próximas às sepulturas. Quando a morte não envolvesse covid-19, poderiam ser realizados velórios de 1 hora, com no máximo 10 participantes.

Figura 19. Jardim tumular construído e cuidado por enlutada em homenagem a sua mãe



Fonte: Santos, 2023

Em outro caso, uma enlutada abordada no crematório, revelou o quanto foi dolorosa a ausência do velório e cerimônia de despedida da mãe que foi cremada, durante a pandemia da covid-19. Assim, somaram-se ausências as quais, entre elas, a de um lugar para dialogar com sua ente querida após a coleta das cinzas. Desse modo, o jardim de memória que construiu

cumpria o papel de lugar para de certo modo referir-se à mãe. O local ganhou até mesmo singelas decorações de natal (Figura 20). Como aponta Hans Belting (2011), na ausência do corpo, a imagem toma seu lugar. Nesse sentido, pode-se entender o jardim como uma espécie de imagem do corpo da falecida, ao mesmo tempo que um mediador para a continuidade do vínculo após a sua morte.

Figura 20. Detalhe de jardim de memória construído e cuidado por enlutada em homenagem a sua mãe



Fonte: Santos, 2024

Pode-se dizer que o jardim, por sua essência mutável, mesmo sob a manipulação da mão humana, foge-lhe ao controle, tendo uma vida própria. Assim, observa-se que, de certo modo, o jardim construído pelos enlutados também se comunica com eles. Desse

modo, estabelece-se um diálogo com e por meio do jardim. Uma flor que desabrocha ou um vegetal que nasce à revelia do que foi plantado pode ganhar uma significação que vai além do puramente objetivo. Os elementos colocados, mesmo que repetidos nos diversos jardins observados em campo, ganhavam individualidade pelo gesto (Figuras 21 e 22).

Figura 21. Diferentes jardins de memória encontrados no Crematório Municipal



Fonte: autora, 2023

Figura 22. Diferentes jardins tumulares encontrados no Cemitério São Pedro



Fonte: autora, 2022

Considerações finais

As apropriações dos enlutados nos espaços cemiteriais podem mostrar direcionamentos para a conformação desses espaços, mas não são muitas vezes consideradas. Observou-se, por exemplo, que as reformas empreendidas pela gestão

privada do Cemitério São Pedro e do Crematório Municipal mostraram soluções que nem sempre se articulam com essa necessidade de proximidade, com o desejo de uma personalização com o local de disposição do corpo/cinzas do falecido ou mesmo com a criação de uma ambiência.

Propõe-se então, a partir do apresentado, uma reflexão e desafio aos profissionais arquitetos e paisagistas para que se desenhe espaços cemiteriais que possam dialogar com as expressões dos enlutados. Como podem ser planejados de modo a oferecer melhor fruição, proporcionar apropriações dos visitantes e lidar com a complexidade dos usos? Primeiramente, é necessário que se cumpra o básico e proporcione locais com infraestrutura adequada, minimamente acessíveis e com manutenção. Mas não somente isso: é preciso ir além de soluções tecnocráticas e adotar uma abordagem sensível que promova ambientes mais acolhedores às pessoas. Criar a oportunidade de construir com e na paisagem cemiterial, por meio dos jardins, pode ser um caminho a ser seguido.

Referências Bibliográficas

Almeida, M. das G. de. (2016). A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial, *Revista M.: Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, 1(1), 213-230. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2016.v1i1.213-230>

Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências (pp. 449-466). In M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Artesã.

Belting, H. (2011). *A verdadeira imagem*. Dafne.

Bicudo, M. A. V. (2011). *Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica*. Cortez.

Bicudo, M. A. V., Azevedo, D. C., & Barbariz, T. A. M. (2017). A pesquisa qualitativa realizada segundo a abordagem fenomenológica. In A. P. Costa, M. C. Sánchez-Gomez, M. V. M. Cilleros (Orgs.). *A prática da investigação qualitativa: exemplos de estudos*. (pp. 21-79). Editora Ludomedia.

Bosi, E. (2013). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Ateliê.

Figueiredo, O. (2015). Turismo e lazer em cemitérios: Algumas considerações. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, 9(1), 125-142.

Franco, M. H. (2021). *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus.

Fuchs, F. (2019). *Espaços de cemitério e a cidade de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-07112019-092231/pt-br.php>

Geertz, C. (2008). *A Interpretação das Culturas*. LCT.



Grassi, C. (2018). Resignificando o espaço urbano: Educação patrimonial no cemitério municipal São Francisco de Paula. *Paisagens Híbridas*, 1(1), 90-113.

Hori, P. (2024). A concessão de parques municipais na cidade de São Paulo: o caso do Parque Ibirapuera. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem*. Realize Editora.

Klass, D., Silverman, P. R., & Nickman, S. L. (1996). *Continuing bonds: new understandings of grief*. Routledge.

Maddrell, A., & Sidaway, J. D. (2010). Introduction: Bringing a Spatial Lens to Death, Dying, Mourning and Remembrance. In A. Maddrell & J. D. Sidaway (Eds.). *Deathscapes: spaces for death, dying, mourning and remembrance*. Ashgate.

Magnani, J. G. C. (2002) De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)*, 17(49), 11-29.

Magnani, J. G. C. (2012). *Da Periferia ao Centro: Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana*. Terceiro Nome.

Magnani, J. G. C., Spaggiari, E., Nogueira, M. H. V. G., Chiqueto, R. V., & Tambucci, Y. B. (2023). *Etnografias Urbanas: Quando o campo é a cidade*. Vozes.

Osman, S. A., & Ribeiro, O. C. F. (2007). Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. *Licere: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte*, 10(1), 1-15. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2007.946>

Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. Summus Editorial.

Peirano, M. (2008). Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*, 2, 1-11.

Rezende, E. C. M. (2000). *Metrópole da morte necrópole da vida: um estudo geográfico do Cemitério de Vila Formosa*. Carthago Editorial.

Santos, A. S. (2015). *Morte e paisagem: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo* [Dissertação de Mestrado] Universidade de São Paulo. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-08092015-143806/pt-br.php>

Santos, A. S. (2021). Representações e apropriações dos espaços cemiteriais na pandemia: primeiras reflexões a partir da conjuntura da covid-19 no Brasil. *Anais do 31º Simpósio Nacional de História*. ANPUH-Brasil.

Santos, A. S. (2024). *Luto e jardim: (re)construindo vínculos no espaço cemiterial* [Tese de Doutorado] Universidade de São Paulo. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-13052024-154355/pt-br.php>

Santos, A. S., & Gallo, D. L. L. (2025). El papel de los espacios cementeriales en la humanización de las ciudades: reflexiones desde Brasil. *Actas del VIII congreso internacional ISUF-H Valencia 2024: formas urbanas diversas para espacios en recomposición*. Universitat Politècnica de València.

Vicente da Silva, A. (2020, 16 de novembro). O corpo do morto contamina? O direito aos ritos funerários e o controle da pandemia no Brasil. *Boletim do Centro de Arqueologia e Antropologia Forense da Universidade Federal de São Paulo (CAAF | UNIFESP)*, 3-6.

Stroebe, M., & Schut, H. (1999). The dual process model of coping with bereavement: Rationale and description. *Death Studies*, 23(3), 197-224.

Recebido em: 16 de junho de 2025.

Aprovado em: 29 de novembro de 2025.

